

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
21 de Maio de 2021

RELAÇÃO FIEL E VERDADEIRA / 1987

Um filme de Margarida Gil

Realização: Margarida Gil / Argumento: Margarida Gil, João César Monteiro e Luiza Neto Jorge, baseado na autobiografia manuscrita de Antónia Margarida de Castelo Branco, “*Fiel e verdadeira relação que dá dos socessos de sua vida a creatura mais ingrata a seu Criador por obediencia de seus padres espirituas e novamente tornada a escrever por hum socesso na era de 1685 annos*” / Direcção de Fotografia: Manuel Costa e Silva / Direcção Artística e Guarda-Roupa: Juan Sotullo / Música: José Alberto Gil / Som: Joaquim Pinto e Vasco Pimentel / Montagem: Leonor Guterres / Interpretação: Catarina Alves Costa (Antónia), António Sequeira Lopes (Brás Telles de Meneses), Jorge Rolla (Afonso), Laura Soveral (Dona Luísa), Cremilda Gil (Sra. Ana), Sónia Guimarães (Felicidade), Philip Spinelli (Padre Francisco), Aurora Gaia, Adelaide Teixeira, Luís Cunha, Jorge Pinto, etc.

Produção: Monteiro & Gil, com o apoio de IPC, RTP e Fundação Calouste Gulbenkian / Produtora: Margarida Gil / Direcção de Produção: Henrique Espírito Santo / Cópia: digital, cor, falada em português / Duração: 89 minutos / Estreia em Portugal: 22 de Junho de 1989.

Com a presença de Margarida Gil

Primeira longa-metragem de ficção de Margarida Gil, **Relação Fiel e Verdadeira** ostenta todas as feridas (nomeadamente, a ferida do esquecimento injusto) de uma boa porção do cinema português dos anos 1980. Entre elas, uma impressão de fragilidade, de fragilidade artesanal, ao nível da produção, que está a milhas da “correção técnica” ou da exibição de meios: nem som nem imagem são aqui “limpos”, conservam uma série de imperfeições (o grão dos 16mm, os problemas de sincronismo no som) que tem o condão, mais voluntário ou mais involuntário, de arrancar definitivamente o filme ao espectro do naturalismo, uma extracção “por fora” que apenas sublinha o que, “dentro” dele, já era um desejo evidente (ao nível, por exemplo, da representação e do estar dos actores). Nada paradoxalmente, porque isso acontece com muitos filmes (não apenas portugueses, mas, nesta época, muitos filmes portugueses), é por aí, por todos esses solavancos na relação do filme com o real em que se integra e que constroi, que ele adquire uma aura fantasmática, que já à época era, e hoje mais ainda (não descuremos nunca a importância da “patine” no cinema), um dos seus factores distintivos – e demos um exemplo concreto: sem as características muito próprias dos 16mm, seriam tão impressionantes aqueles planos de Antónia a deambular pelos corredores arruinados, em imagens que têm ao mesmo tempo a materialidade e a evanescência, quase sobrenatural, de algum cinema do território do dito “cinema experimental” ou de “avant-garde”? Toda a gente conhece o dito de Rivette sobre um filme ser tão melhor quanto mais for uma “reportagem sobre a sua rodagem”. Sobre a rodagem não podemos falar, mas o filme de Margarida Gil tem uma profunda honestidade na relação com os seus meios e as suas condições: não engana, não se faz passar pelo que não é (nem pelo que não tem), e integra tudo isso na sua natureza. Dá do seu “real”, ou da sua “realidade”, uma “relação fiel e verdadeira”. Não se pode dizer isto de todos os filmes.

Relação fiel e verdadeira, já agora. É um pequeno golpe de génio este título, sobretudo pela injeção de “polissemia” que faz ao texto que está na base do seu argumento. Transcrevemo-lo (ao título do texto) em toda a sua extensão na ficha técnica que encabeça esta “folha”, e por aí se torna evidente que esta “relação” que se diz fiel e verdadeira não se reporta a um “relacionamento” mas a um “relato”. Puxada a expressão para título do filme, é o “relacionamento” que fica em pouco, o relacionamento de Antónia Margarida de Castelo Branco e do seu marido Brás Telles de Menezes, uma prolongada história de abusos, violências e devoção amorosa sucedida no seio da pequena aristocracia rural portuguesa de finais do século XVII. Fala-se hoje muito mais e de maneira muito diferente de assuntos destes, a propósito, do que se falava nos anos 80, pelo que esta interrogação tem que ficar como nota marginal mas inescapável nesta folha: como receberá a sensibilidade século XXI um filme que fala do amor e do abuso como duas faces da mesma moeda, lado A e lado B do mesmo disco, com *uma consciência tão plena do que está a dizer e a mostrar* que toma por dispensáveis todos os considerandos e julgamentos de ordem moral ou política? A história é “de época”, aliás, mas o filme não: retrata uma época “mista”, onde certas coisas vêm do fundo dos tempos do século XVII mas outras coisas vêm do final do século XX – o jogo de poker (com participantes especialíssimos) ou os automóveis e autocarros, eis dois exemplos gritantes dessas fissuras abertas na relação do filme com a História. Que são também dois exemplos do tipo de modernidade que Margarida Gil percebia, e apesar de sabermos da proximidade da realizadora com o cinema de João César Monteiro (aqui presente, no argumento ou na tal cena do jogo de poker), **Relação Fiel e Verdadeira** parece inscrever-se muito mais na órbita de Manoel de Oliveira – impressão reforçada pela escolha, para protagonista masculino, de António Sequeira Lopes, que dez anos antes fora o Simão do **Amor de Perdição**. Desde o fenomenal plano da sua entrada em cena, vindo da sombra e trajado de negro, o Brás de Sequeira Lopes é olhado pela câmara de Margarida com o mesmo espanto, o mesmo temor e a mesma afeição do olhar da protagonista femina (a Antónia que a futura cineasta Catarina Alves Costa compõe num balanço perfeito entre a alvura angelical da sua superfície e um brilho mais escuro e, quiçá, mais perverso, emanado do seu interior (ou da sua “alma”, para usarmos terminologia oliveiriana). E, até à morte, o filme é sobre isto, a “relação” de uma “relação”, o diagnóstico e acompanhamento de um amor malsão, o Mal transfigurado (mesmo que não “transmutado”) pelo olhar amoroso.

É um dos mais belos primeiros filmes do cinema português de 80.

Luís Miguel Oliveira